

A CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS MÉDICOS NO IMPÉRIO PORTUGUÊS: O CASO DA VARÍOLA NO *JORNAL ENCICLOPÉDICO**

RAFAEL DIAS CAMPOS**

Resumo: *O Jornal Enciclopédico foi um periódico português imbuído do pensamento iluminista que publicou discussões médicas de relevo para o Império lusitano. Inserido no conjunto de publicações de popularização dos saberes que ajudaram na difusão de uma esfera pública, localizada primordialmente na corte, o periódico contou com a participação de pensadores que preconizaram um olhar atento para as gentes. De forma similar a jornais estrangeiros semelhantes, o conjunto documental aqui analisado debateu temas os mais diversos e contou com um corpo de autores e tradutores que pretendiam inserir Portugal no rol dos países progressistas, comprometido com a ilustração de seu povo. Como uma doença especialmente importante para os domínios imperialistas europeus, a varíola significou elemento essencial de debate e, por isso mesmo, recebeu atenção especial dos editores do periódico. Esse artigo discute justamente a inserção desse tema nas trocas de conhecimentos, através do referido jornal luso.*

Palavras-chave: *Jornal Enciclopédico; circulação de conhecimento; Iluminismo.*

Abstract: *The Jornal Enciclopédico was a Portuguese periodical impregnated with Enlightenment thinking that published important medical discussions for the Portuguese empire. as part of the set of publications for the popularization of knowledge that helped the diffusion of a public sphere, primarily located in the court, the journal had the participation of thinkers who advocated an attentive look at the people. In a related way to similar foreign newspapers, the document analyzed here examined diverse topics and had a body of authors and translators who intended to insert Portugal in the list of progressive countries, committed to the enlightenment of its people. A disease that was especially important for European imperialist domains, smallpox was an essential element of debate, and for this very reason, it received special attention from the journal's editors. This article precisely discusses the insertion of this theme in the exchange of knowledge, through the Portuguese newspaper.*

Keywords: *Jornal Enciclopédico; circulation of knowledge; Enlightenment.*

A percepção do Iluminismo como uma transformação filosófica unívoca que se espalhou pela Europa desde Paris e ganhou adeptos através do globo ainda persiste¹. Mas a perspectiva de que o mundo ibérico seria um território atrasado por excelência deixou há algum tempo de ser defendida com o afinco de outrora.

* Gostaria de expressar minha sincera gratidão aos pareceristas pelas valiosas sugestões, que foram extremamente bem-vindas e que contribuíram significativamente para enriquecer e orientar este trabalho.

** Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Email: rafael.campos@uftm.edu.br.

¹ DARNTON, 2005: 17-18.

Investigações profundas contradizendo a assim chamada «lenda negra» têm sido publicadas nas últimas décadas, salientando que as ideias e ações daqueles homens de letras foram parte de complexos processos de construção de saberes e de multifacetadas relações de domínio em territórios d'aquém e d'além-mar². Esses trabalhos evidenciaram, como salientou Júnia Furtado, que a lenda negra conformava uma visão apriorística, preconceituosa mesmo, que preferia atribuir sinais de atraso às regiões consideradas periféricas, ao invés de analisar os agentes históricos pesquisados³. Essas investigações ganharam o reforço de pesquisas recentes, que terminaram por fazer perceber, de forma diametralmente oposta ao preconizado por Robert Darnton, que «a propagação do pensamento científico no século XVIII não era um processo centrípeto»⁴.

As discussões médicas debatidas no *Jornal Enciclopédico* apresentam-se assim enquanto uma efetiva possibilidade para se perceber quão mutável e difuso se deu o processo de circulação de conhecimentos, seja em escala global, seja tendo o domínio imperial português como ponto de observação privilegiado. Não fortuitamente, argumentamos que o conhecimento apresentado no jornal foi fruto da correlação entre interesses que ultrapassaram as fronteiras territoriais de Portugal. Como exemplo disso, podemos perceber nas páginas do periódico a existência de debates e investigações mutuamente acontecendo em Portugal, Inglaterra e França ou em seus respectivos domínios coloniais. Dessa correlação, é possível notar autores originários da América Portuguesa debatendo questões que, à partida, fariam sentido apenas para os centros de poder em Lisboa, Londres ou Paris. O que, como apontado por Kapil Raj⁵, permite perceber que uma considerável parte da assim chamada «ciência ocidental» se deu fora desta, seja em relação a suas fronteiras físicas/territoriais, seja em relação às fronteiras do conhecimento, da produção e circulação de saberes e das habilidades e técnicas. Em perspectiva similar, a pesquisadora Londa Schiebinger salientou categoricamente que «a circulação de pessoas, plantas (como alimento e remédio), doenças e conhecimento impulsionaram os testes médicos no mundo atlântico do século XVIII»⁶.

A existência desta circularidade ampla não elimina, no entanto, a historicidade espacial mais atinente às realidades locais. Saberes, como bem salientou

² ASTIGARRAGA, *ed.*, 2015; BARRERA-OSORIO, 2006; CAÑIZARES-ESGUERRA, 2009; FIGUEIRÔA, SILVA, PATACA, 2007; LAFUENTE, PIMENTEL, 2012; PIMENTEL, 2000; PIMENTEL, PARDO-TOMÁS, 2017; PORTUONDO, 2009; RAJ, 2007, 2010; SAFIER, 2010; SCHIEBINGER, 2017.

³ FURTADO, 2012.

⁴ PALMA, 2021: 23.

⁵ RAJ, 2007.

⁶ SCHIEBINGER, 2017: 147 (tradução nossa). A autora apresentou uma perspectiva relevante, ainda que distinta da aqui adotada, mas não deixa de ser importante analisar a sua proposta de *nexus* «colonial», do «comércio de escravizados» e da «conquista». Para mais, cf. SCHIEBINGER, 2017.

Monique Palma, «não se produzem sem agentes»⁷ e estes, invariavelmente, estavam relacionados às vicissitudes e visões do mundo ao redor. Não por acaso, Kapil Raj notou ser imperioso observar que os espaços de circulação do conhecimento mudam historicamente e, com essas mudanças, as preocupações e interesses de seus agentes⁸. O autor, em ocasião posterior, ao redefinir uma «concepção transformadora de circulação», fez justamente a todos perceber que «nem tudo circula» e, principalmente, que as condições para ideias, livros, práticas, povos e materiais circularem podiam justamente depender «da troca de favores, patronagem, amizade, obrigação ou simplesmente trocas econômicas, para citar algumas possibilidades»⁹. Além disso, ele reconheceu, como havia salientado Ângela Domingues acerca das produções filosófico-naturais «segredadas» pela Coroa lusa¹⁰, que «nem todos desejam que tudo circule livremente»¹¹. Desta forma, acreditamos poder retomar o que o autor havia defendido, ou seja, que essas interações «são elas próprias [resultantes de] um local de construção e reconfiguração do conhecimento»¹², é dizer que: «o local pode ser fator de influência na produção de conhecimento, tanto no que diz respeito à transmissão do conhecimento, quanto àquilo que se observa e a maneira como se observa»¹³.

Assim, é justamente por também notar a construção e transformação do conhecimento como um processo em constante adaptação, que podemos perceber em Bordeaux uma relação muito mais intrincada com as discussões econômicas e com a escravidão e as liberdades humanas do que em Montpellier, embora ambas as cidades estivessem ligadas ao comércio transatlântico. Este fenômeno explica-se em grande parte devido ao intenso envolvimento que Bordeaux tinha no tráfico de escravizados com as Antilhas¹⁴. De modo semelhante, o trabalho de Hélène Berlan¹⁵ permite notar uma relativa ausência de debates sobre o escorbuto na Faculdade de Medicina da Universidade de Montpellier, o que não se verifica se observamos especificamente os estudantes brasileiros que por lá passaram,

⁷ PALMA, 2021: 13.

⁸ RAJ, 2007; CONCEIÇÃO, 2019: 134-138. Apesar de não se relacionar diretamente ao foco do presente trabalho, pode ser interessante observar que nem todos esses processos de circulação de saberes foram, digamos, bem recebidos por diferentes povos. É exemplar, neste sentido, a existência uma classificação hierárquica dos seres no século XVIII que tinha o negro como inferior. Para se chegar nesse lugar-comum-etnocêntrico, que definia padrões de inferioridade para os povos não europeus, foi preciso a existência de trocas as mais variadas, ainda que essas ideias de superioridade tenham sido posteriormente criticadas e refutadas. Para uma percepção sobre estas visões que definiam negros como inferiores e até subespécies no século XVIII, veja CAMPOS, 2014. Para críticas a estas perspectivas, consultar CAMPOS, 2017; 2018: 50-56, 247-255.

⁹ RAJ, 2013: 345 (tradução nossa).

¹⁰ DOMINGUES, 2006, 2013.

¹¹ RAJ, 2013: 345.

¹² RAJ, 2013: 343.

¹³ CONCEIÇÃO, 2019: 195.

¹⁴ HUBERT, BLOCK, CAUNA, 2010; LAFONT-COUTURIER *et al.*, 1999.

¹⁵ BERLAN, 2013.

uma vez que escreveram sobre o tema em trabalhos posteriores ou chegaram mesmo a defender tese sobre a matéria¹⁶.

Dito de outra forma, os saberes trazidos da América mostram que houve efetivamente uma grande troca ao redor do globo e que estas circulações globais de conhecimentos se transfiguraram ao longo do tempo, permitindo-nos questionar a ideia de uma produção de conhecimentos (euro)centrada. Foi o que demonstrou proficuamente Monique Palma ao examinar a circulação de saberes médico-cirúrgicos no mundo lusófono¹⁷. Após a exposição de um vasto conjunto documental, ainda que por ela própria considerado não exaustivo, a investigadora nos deu provas suficientes de que o conhecimento circulou ao redor dos diferentes espaços de saber, sem grandes entraves acerca de onde vinham aqueles homens, sendo mais relevante a posição e o reconhecimento/pertencimento social do que a origem propriamente dita¹⁸, como também demonstrado anteriormente por Nuno Gonçalo Monteiro¹⁹, ainda que em ocasião e com perspectivas diversas. Além disso, a autora não deixou de perceber, após ampla análise documental, que estas trocas podiam ser até mesmo de cultura material e que todas aquelas trocas de conhecimentos e, por exemplo, de espécimes botânicos podem, e devem, ser enquadradas no conjunto das circulações de saberes²⁰. É também o que se percebe com alguma segurança da análise de Jeremy L. Caradonna acerca das premiações em França²¹ ou até mesmo da posição geográfica dos «coletores» da Real Academia Medico-Portopolitana²² e de tantas outras academias e sociedades de então²³.

Assim, a participação em academias e sociedades de letras e/ou científicas; o cumprimento de serviços ao público, seja como médico em hospitais ou de cabeceira («particular»); a administração de jardins botânicos, então voltados para a medicina e a farmacopeia; ou mesmo a divulgação de ideias relacionadas com o bom governo e a saúde dos povos por meio de opúsculos, traduções e panfletos, não foram apenas ações científicas e culturais, mas também construções de uma reputação pública, simbólica, necessária para a consumação de uma almejada ascensão social que, concomitantemente, ultimou por efetivar todo um complexo processo de circulação de conhecimentos.

Desta feita, parece-nos ter ficado claro que se pretende aqui argumentar que a produção de conhecimentos não seria necessariamente afeita apenas ao local ou

¹⁶ CAMPOS, 2018.

¹⁷ PALMA, 2021: 287-296.

¹⁸ PALMA, 2021: 296, 310.

¹⁹ MONTEIRO, 2009.

²⁰ PALMA, 2021: 311-312.

²¹ CARADONNA, 2012.

²² REAL ACADEMIA MEDICO-PORTOPOLITANA, 1749.

²³ CAMPOS, 2018: 288.

ao global²⁴; que esse processo não ocorreu exclusivamente por meio do envio de informações da colônia para a metrópole; ou mesmo que os lócus de produção de conhecimento não eram afeitos a apenas dois ou três espaços privilegiados (como a Universidade de Coimbra ou a Academia Real das Ciências), como enfatizou Gisele Conceição em diferentes ocasiões de sua obra²⁵, principalmente quando salientou que os «processos de reconfiguração do conhecimento ou ressignificação, podem acontecer em zonas de contato, a partir do envolvimento de variados agentes, instrumentos, técnicas, conhecimentos específicos» e que «poderiam, ainda, envolver [...] jogos de poder e hierarquia entre os agentes participantes neste sistema de reconfiguração»²⁶. De uma parte, perceber isso implica necessariamente também considerar que muitas dessas produções e intercâmbios estavam fortemente atrelados ou eram produzidos ao serviço dos domínios imperiais.

Nesse sentido, o que se procura previamente ressaltar justamente é que diversos trabalhos produzidos nesse contexto tinham a dominação colonial entranhada em seu ADN e que isso não limita a forma como esses saberes foram gerados e transmitidos, muito pelo contrário. Reconhecer que a produção do conhecimento setecentista foi igualmente uma produção imperialista, na medida em que terminou elaborada no seio de sociedades imperiais, ao mesmo tempo em que possuiu um patente interesse de domínio e controle, não implica simplesmente rotular como imperialistas aqueles que integravam essas sociedades²⁷ e nem mesmo em minimizar, como procuramos demonstrar anteriormente, os processos de circulação desses saberes ao redor do globo.

Ainda assim, é premente ressaltar que este processo de administração de povos sob controle e seus saberes não se deu por mera relação de domínio, ainda que também o tenha sido. A produção imperialista, interessada em conhecer o outro — os povos e suas produções, a natureza que os cercava e as relações humanas engendradas em outros contextos — ainda que sob um olhar com pouquíssima alteridade, estava atrelada a ações administrativas e consequentes relações sociais ao redor de diversas partes do mundo. Como exemplo mais claro podemos citar o Museu Britânico e sua sumptuosa seção sobre o *Enlightenment*, com recolhidas de produções naturais e culturais de diversos pontos do globo²⁸. É certo, acerca disso, que o Império britânico angariou uma infinidade de objetos e artefatos referentes à cultura material de povos com quem teve contato ou de civilizações antigas, consideradas exemplares, mas não foi o único a fazê-lo. As coletas enviadas ao longo do século XVIII por viajantes e naturalistas a serviço

²⁴ Para uma visão mais detalhada sobre esse debate, cf. SUBRAHMANYAM, 1997.

²⁵ CONCEIÇÃO, 2019: 45-48, 150.

²⁶ CONCEIÇÃO, 2019: 181.

²⁷ CAREY, FESTA, 2009: 8; MUTHU, 2003.

²⁸ DOMINGUES, ALVES-MELO, 2021; SLOAN, BURNETT, 2003.

do Império luso podem ser igualmente vistas em diversos museus portugueses. As viagens filosóficas apoiadas pela Coroa percorreram praticamente todas as regiões da América Portuguesa e alguns núcleos museológicos, como o Museu da Ciência (Universidade de Coimbra), o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Universidade de Lisboa) ou o acervo museal da Academia das Ciências de Lisboa, para ficarmos em poucos exemplos, permitem perceber com clareza recolhas das mais diversas partes do globo em que o Império português se fez presente.

Perceber estes aspectos da ilustração é uma necessidade premente para inclusivamente se tentar evitar visões apaixonadas e ingênuas acerca dos «progressos» trazidos por aqueles homens de letras e, em simultâneo, reconhecer que a ciência setecentista tinha, ela própria, uma base social, econômica e política fortemente atrelada a esse contexto imperial de exploração e domínio. Não foi por mero acaso que muitos dos artigos publicados no *Jornal Enciclopédico* estavam visivelmente impregnados desse ideal imperial, ainda que tenham sido parte do processo de circulação de conhecimentos médicos, além do fato de a própria publicação (*dedicado à Rainha N. Senhora*, como se percebe em seu título) pertencer a esse universo.

UNIVERSALISMO EM REVISTA: UMA INTRODUÇÃO À CORNUCÓPIA DE JORNAIS ENCICLOPÉDICOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII

Analisando as trocas de conhecimento no *Jornal Enciclopédico*, pretendemos dar a conhecer que a produção intelectual de regiões fora do eixo do canal da Mancha não eram subprodutos (meras reproduções inacabadas) dos saberes, supostamente mais aprimorados, produzidos em Londres ou Paris. Evidências das mais variadas matizes sobejam nesse sentido e não podem ser desconsideradas. Além dos vários debates supracitados, são exemplares as adaptações shakespearianas de Jean-François Ducis nos anos de 1770, a recepção de produções literárias e filosófico-naturais germânicas e até a própria *Encyclopédie*²⁹. Sucesso editorial de então e grande força motriz de inúmeras publicações ilustradas, essa obra permeou o mundo letrado com ideais que norteariam a publicação portuguesa, ainda que nela se perceba uma clara visão eurocêntrica³⁰.

De modo semelhante, a *Encyclopédie Méthodique* de Panckoucke e o *Journal Encyclopédique*, com suas resenhas bibliográficas, observações e novidades de diversas regiões da Europa, foram publicações que acabaram por estabelecer um

²⁹ LAUDIN, 2019.

³⁰ DELVA, 1982; SOMAIN, 2018.

parâmetro dos temas que deveriam ser abordados em periódicos ilustrados congêneres. Editado por Pierre Rousseau entre os anos de 1756 e 1771, o jornal chegou a ser considerado como uma continuação do famoso *Dictionnaire raisonné* de Diderot e d'Alembert, sendo que diversos debates estrangeiros foram incorporados, ainda que tenha privilegiado obras francesas, inclusivamente devido às limitações linguísticas do público leitor³¹.

Não foi por acaso, portanto, a perceptível presença no *Journal Encyclopédique* de publicações não apenas de notícias ou experimentos de ilustrados franceses, ou de membros correspondentes de suas academias. Parte importante das páginas do jornal enciclopédico de Pierre Rousseau estavam voltadas a conhecer, consideravam eles, o que de melhor se estava a produzir fora do mundo francófono, ainda que tenham falado pouco do universo lusitano propriamente dito. Nelas, podemos notar um anúncio do *Verdadeiro método de estudar*, de Luís António Verney³², bem como o trecho de uma memória não assinada sobre o estado das ciências naqueles domínios. Nessa última, são citadas diversas proezas dos ilustrados lusos, como a criação da Academia dos Singulares em 1663, numa clara tentativa de apresentar a anterioridade da fundação de academias e sociedades científicas como elemento positivo e distintivo dos saberes em Portugal³³.

Tal como esses projetos editoriais, o *Jornal Enciclopédico* saiu à luz de forma quase ininterrupta entre os anos de 1788 e 1792, apesar de ter um número isolado em julho de 1779 e um último em 1806³⁴. Publicou diferentes temas relacionados às artes e ciências, bem como artigos noticiosos, peças teatrais e anedotas, com debates morais e filosóficos variados³⁵. Inicialmente editado por Félix António Castrioto, este periódico original, embora ainda quase completamente desconhecido, também contou com a colaboração de Manoel Joaquim Henriques de Paiva. Estava eivado das compreensões universalistas do Iluminismo, de forma que não somente debateu noções médicas sobre os mais diferentes e curiosos assuntos, como também estampas e mesmo temas musicais foram alvo dos amplos interesses desses enciclopedistas³⁶.

Numa análise quantitativa do *Jornal*, destaca-se o número de traduções ou comentários de textos estrangeiros, o que não chega a ser nenhuma surpresa devido às perspectivas ilustradas aqui mencionadas. Como se viu, estar a passos iguais com a modernidade de outras regiões era uma preocupação manifesta destes letrados e a maneira mais direta de se garantir isso era justamente através

³¹ BRUNEEL, 2019.

³² VERNEY, 1762.

³³ VERNEY, 1762.

³⁴ REIS, 2007.

³⁵ REIS, 2002, 2006.

³⁶ *Estampas publicadas em Paris neste ano de 1788 [...]*, 1788.

da publicação, ainda que muitas vezes resumida, de autores estrangeiros ou da edição noticiosa de novidades europeias. Pouco mais de 20% das publicações da seção de Medicina estavam relacionadas a autores estrangeiros, sendo que esse número sobe para aproximados 40% se se observar apenas os artigos de História e Filosofia Natural, trazendo então uma média de 30% para assuntos de ciências valendo-se de argumentos, ideias ou debates estrangeiros.

Claro que uma análise assim superficial não permite uma observação crítica das nuances e perspectivas de cada questão, além de desconsiderar as outras seções, já que também nelas houve intensas trocas de conhecimento; como no caso de uma tradução direta de carta publicada no acima referido *Journal Encyclopédique* editado por Pierre Rousseau, também dito «de Bouillon»³⁷. No entanto, esse rápido olhar permite uma abordagem introdutória para se perceber o grau de aceitação, os temas e as preocupações, bem como avaliar em que medida ocorreu a inserção de autores e abordagens fora do Império português no *Jornal*. Além disso, permite considerar que os debates travados no periódico português serviram, tal como diversas outras publicações ilustradas, para a divulgação, consolidação e contestação de ideias, além de representar prestígio social para o autor do texto ou da tradução, ou seja, estiveram ativamente integrados no processo de circulação de conhecimentos médicos na segunda metade do século XVIII.

VARÍOLA E CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS MÉDICOS NO *JORNAL ENCICLOPÉDICO*

Os debates médicos elencados no *Jornal* se voltaram para questões relacionadas com os mais diferentes temas e seus editores estiveram bem atentos ao que ocorria fora do território luso, seja porque muitos artigos foram escritos por autores estrangeiros, seja porque publicaram discussões baseadas em ideias, modelos ou teorias destes escritores de outras terras. Dentre as questões que em alguma medida estavam relacionadas com trocas de conhecimentos com o mundo além-fronteiras, talvez uma das mais urgentes para o imperialismo europeu estivesse relacionada com a varíola.

Tema relevante e assaz debatido devido, em grande parte, à quantidade de pessoas vitimadas por essa enfermidade, as bexigas, como a doença era então referida, marcou a sua presença nas páginas do *Jornal Enciclopédico*. De forma semelhante, a técnica conhecida por inoculação da varíola, defendida por diversos médicos e agentes de saúde, era propagandeada como a mais eficaz maneira

³⁷ Carta transferida do *Jornal Enciclopédico de Bouillon* [...], 1789.

de amenizar os efeitos da doença e, para muitos outros, inclusive curar as pessoas desse mal. Toda essa relevância pôde ser verificada logo na primeira edição, posto que saiu uma notícia sobre as vantagens dessa técnica, com uma forte argumentação em favor de sua aplicação:

E não tem bastante força estes exemplos para nos obrigarem a imita-los? Que meio pode haver melhor para fazer conhecido este expediente que o falar dele no Jornal Enciclopédico? [...] e eu me congratularei de ter dado ocasião a se repetirem observações nesta matéria, e de ver por fim adoptado na minha Pátria este método de preservar inumeráveis vidas dos estragos, que por elas fazem as bexigas &c³⁸.

Como se percebe, numa clara tentativa de enfatizar a necessidade de o Império luso seguir o exemplo estrangeiro, o articulista vangloria-se da possibilidade de o método se propagar em terras lusitanas, além de ter ressaltado que o procedimento já havia sido realizado por pessoas «especiais», ou seja, monarcas da Alemanha, Rússia, França, Suécia, Inglaterra, bem como diversos outros Príncipes. Pouco tempo depois, após retomada a edição do jornal, em agosto de 1788, foi novamente publicada uma notícia sobre o tema. Dessa vez, era a tradução de um artigo vindo de Hamburgo, em que o autor exaltava uma prática judaica que teria a vantagem de evitar o contágio da doença. Segundo seu autor, a limpeza adequada do umbigo dos recém-nascidos, friccionados com sal e lavados logo após, seria a condição para o referido sucesso³⁹.

No mês seguinte, mais um artigo sobre o tema veio à luz. Igualmente trocando conhecimentos com colegas internacionais, o autor ressaltou que Portugal estava *pari-passu* ao estrangeiro, como se pode notar pelo trecho a seguir: «não sei coisa, que V.m. ignore pois que lê igualmente como eu os Jornais Latinos, ingleses, franceses &c.»⁴⁰. Dessa vez, publicado com base em fatos ocorridos na Caparica, região próxima a Lisboa, o texto (que posteriormente chega a comentar sobre outra moléstia) principia realizando duras críticas a profissionais considerados como pouco versados: «não é de admirar que assim suceda numa Corte, aonde não só o número dos doentes é maior, mas também o dos falsos médicos, cirurgiões e curadores, que deles tratam»⁴¹ e conclui sua análise incomodado com o fato de ser necessária alguma autoridade para se ser ouvido e, claro, de ele não a possuir, de modo que a inoculação continuava, segundo o próprio, não sendo aplicada em Portugal:

³⁸ Carta sobre a inoculação das bexigas [...], 1779: 68.

³⁹ Meio de extinguir as bexigas, 1788.

⁴⁰ Carta dirigida aos editores do Jornal Enciclopédico [...], 1788: 382.

⁴¹ Carta dirigida aos editores do Jornal Enciclopédico [...], 1788: 376.

«Falta-me o que nós chamamos *imponere*, isto é, os cabelos brancos, a verbosidade, o belo espírito, os agradados, os repentinos graciosos e outras coisas do mesmo toque, que constituem a ciência de grande parte dos médicos desta Corte»⁴².

Criticando métodos de cura pouco experimentados, mas que continuariam a ser utilizados ao longo do século XIX, o articulista cita todo um rol de práticas pouco ortodoxas e de eficácia duvidosa. Dentre elas, salta à vista o curioso e excêntrico «pó de jasmim»: «enchendo-lhes o estomago de porcarias, tais como o excremento de cães, a que chamam *pós de jasmims*»⁴³. Como forma de contração aos problemas referidos no texto, ele elenca um conjunto de bons nomes, quase todos estrangeiros, que deveriam servir de exemplo aos esculápios, como Herman Boerhaave, Thomas Sydenham, William Cullen, dentre outros. Embora também tenha mencionado João Curvo Semedo e Mirandela (o famoso Francisco da Fonseca Henriques, natural dessa cidade), importa salientar que o fez, com alguma ressalva, na condição de se «saber ler» esses escritores, ou seja, com uma valoração inferior se comparada aos demais citados⁴⁴.

Nesse sentido, é de notar que o autor ressalta tratamentos exóticos justamente para rejeitar profissionais por ele considerados pouco capacitados, o que termina por inseri-lo no conjunto dos ilustrados portugueses de então, que passaram a considerar charlatanismo os cuidados de saúde realizados por práticos e curadores populares⁴⁵. Além disso, suas críticas não ficaram isoladas aos casos mais peculiares da Medicina, já que o texto, numa linguagem eufemística, chega a destratar os agentes que se recusavam a tratar, nas ocasiões supostamente imperativas, a varíola com sangrias: «E que direi daqueles declamadores da sangria, que absolutamente a negam em toda a casta de bexigas? [...] Mandá-los curar para o polo austral»⁴⁶.

De todo esse conjunto de críticas, destaca-se do texto uma visão médica setecentista já bastante conhecida, a saber, a teoria humoral e sua aplicação como princípio norteador do tratamento médico. Ambas amparam os comentários realizados no artigo, guiando seu autor acerca de quais e quando os elementos em excesso ou falta deveriam ser controlados, de forma a restabelecer a perfeitamente proporcional condição humoral do corpo; fosse isso feito seja por irritação, decocção, expurgo, raleamento ou quaisquer outros métodos empregados para a conservação da saúde⁴⁷.

⁴² Carta dirigida aos editores do *Jornal Enciclopédico* [...], 1788: 391.

⁴³ Carta dirigida aos editores do *Jornal Enciclopédico* [...], 1788: 377.

⁴⁴ Carta dirigida aos editores do *Jornal Enciclopédico* [...], 1788: 375–376.

⁴⁵ CAMPOS, 2018: 64–68.

⁴⁶ Carta dirigida aos editores do *Jornal Enciclopédico* [...], 1788: 379.

⁴⁷ REZENDE, 2009.

Não muito tempo depois, agora em fevereiro de 1789, o *Jornal Enciclopédico* publicou mais um artigo sobre o tema da varíola e o método da inoculação. Esse documento, assim como quase todos os demais deste *corpus* documental, vinha à luz na forma de uma carta endereçada aos editores do periódico. O texto, um dos mais longos do jornal, se inicia por meio de um retrospecto histórico da doença, pontuando locais de ocorrência e difusão da inoculação da varíola pelo mundo. Um dos pontos essenciais dessa argumentação, citando fatos ocorridos no estrangeiro, era ressaltar que houve um momento de aversão inicial nessas localidades, como que dando a perceber que aquela mesma resistência presente em Portugal seria naturalmente dissipada posteriormente: «A este tempo os Médicos do Colégio Real de Londres temiam pôr em prática aquilo mesmo, que sabiam era já tão comum na Asia»⁴⁸.

O autor complementa sua análise criticando uma posição sanitária cada vez mais comum aos dias atuais: os grupos antivacina. O texto defende a inoculação sublinhando que inúmeros infortúnios aconteceram devido à má conduta dos pacientes ou imperícia dos próprios inoculadores, numa construção argumentativa que nega qualquer problema na inoculação em si, ao mesmo tempo em que critica abertamente o médico Anton de Haen, discípulo de Boerhaave, e elogia físicos que atuaram em defesa da inoculação, como Jacob de Castro Sarmiento e Samuel Auguste David Tissot⁴⁹.

Semelhante a outras alegações presentes no jornal, como já discutimos aqui anteriormente, o articulista responsabiliza os charlatães por muitos dos males em causa ou à má qualidade do «veneno» (o substrato da inoculação). Nesse sentido, o autor defende que uma melhor atenção à inoculação seria dada através da instalação de hospitais especialmente dedicados para o efeito. Além disso, em sua defesa da inoculação, o autor estabeleceu uma relação direta entre o clima e uma maior eficácia da inoculação, onde os habitantes de regiões com climas como o Brasil e a ilha da Madeira teriam vantagens em relação aos povos de localidades mais frias⁵⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos evidenciar ao longo deste trabalho que a circulação de saberes médicos se deu no século XVIII por diferentes formas e que a inquirição, o debate e a publicação de textos originais e noticiosos em um jornal português ainda pouco conhecido foi parte importante de um complexo e multifacetado processo de

⁴⁸ Carta sobre a inoculação das bexigas, 1789: 155.

⁴⁹ Carta sobre a inoculação das bexigas, 1789: 157–158.

⁵⁰ Carta sobre a inoculação das bexigas, 1789: 163–170.

construção conjunta do conhecimento. Acreditamos ter demonstrado que esses conhecimentos médicos não foram unidirecionais (de Lisboa para a América Portuguesa, em nosso caso; da Europa para o restante do globo, de forma geral) e nem mesmo bidirecionais, de parte a outra. Esperamos ter clarificado que ocorreu uma circulação efetiva entre estas e diversas outras fronteiras (não apenas físicas) de conhecimento. Não deixamos de enfatizar, no entanto, que os intercâmbios com autores de outras regiões da Europa se deram, mais das vezes, de maneira desigual e que estas trocas foram fortemente tributárias da noção de nobreza setecentista onde o *auctoritas*, ou seja, a autoridade dos grandes autores, continuava a imperar fortemente. Tanto assim, que foi inúmeras vezes empregado em diferentes artigos do *Jornal*, onde autores importantes acabavam sendo citados enquanto uma referência suficiente, um índice de qualidade de que aquele método de tratamento era adequado. Verificamos que a citação de obras estrangeiras dava certa segurança para o autor. Teoricamente amparados na ideias de físicos reconhecidos, eles podiam defender com certa tranquilidade a aplicação de modelos próprios, ainda que, na prática, realizassem alterações significativas nas visões médicas destes autores que citavam.

Assim, a análise das discussões presentes no *Jornal Enciclopédico* acerca da varíola permite notar que o periódico publicou diversas questões dedicadas à saúde dos povos, com um olhar especial para o universo marítimo, imperial mesmo, alinhando-o com seus congêneres internacionais. Como se viu também, esse cuidado não se produziu sozinho. Diversas trocas de conhecimentos ocorreram em diversos outros jornais amparados nos princípios enciclopédicos de então. Com isso, concluímos que a circulação de conhecimentos médicos aqui estudada conferiu papel essencial para a integração do *Jornal Enciclopédico* e, principalmente, de seus autores à rede internacional de *gens de lettres*.

FONTES

Fontes impressas

REAL ACADEMIA MEDICO-PORTOPOLITANA (1749). *Estatutos da Real Academia Medico-Portopolitana*. Porto: [s.n.], Fac-símile.

Fontes online

FRAGMENS d'un Mémoire d'un Savant Portugais au sujet de l'état des Sciences en Portugal. «Journal Encyclopédique: dédié à Son Altesse Sérénissime, Mgr. Le Duc de Bouillon». 13. Tom. IV, part. II (jun. 1762) 76–90 (448-450). [Consult. 10 mar. 2022]. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015056034930&view=1up&seq=456&skin=2021>>.

VERNEY, Luís António (1762). *Essai sur les moyens de rétablir les Sciences & les Lettres em Portugal, adresse à M. M. les Auteurs du Journal des Savans; par Antoine Texeira Gamboa* [Luís António Verney] [...]. «Journal Encyclopédique: dédié à Son Altesse Sérénissime, Mgr. Le Duc de Bouillon». 13. Tom. IV, part. II (jun.) 66–76 (446-448). [Consult. 5 mar. 2022]. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015056034930&view=1up&seq=456&skin=2021>>.

Biblioteca Nacional de Portugal

CARTA sobre a inoculação das bexigas [Carta escrita ao editor do Jornal Enciclopédico]. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». Caderno I (1779) 66–68. Cota: j-3-b.

CARTA dirigida aos editores do Jornal Enciclopédico, que contém algumas reflexões práticas sobre a cura das bexigas, e a história de uma péssima moléstia, observada em Caparica, termo de Almada. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1788) 373–392. Cota: j-3-b.

ESTAMPAS publicadas em Paris neste ano de 1788 / Estampas publicadas em Madrid neste ano de 1788. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1788) 131–135. Cota: j-3-b.

MEIO de extinguir as bexigas, extraído da Gazeta Mercantil de Hamburgo de 15 de janeiro de 1787. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1788) 91–196. Cota: j-3-b.

CARTA sobre a inoculação das bexigas. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1789) 150–179. Cota: j-3-b.

CARTA transferida do Jornal Enciclopédico de Bouillon, na qual se responde às reflexões de Mr. Sabatier antigo professor de eloquência, sobre o perigo, a que estão expostos os costumes, explicando-se nas aulas os Autores Gregos e Latinos. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1789) 350–359. Cota: j-3-b.

REFERÊNCIAS

- ASTIGARRAGA, Jesús, ed. (2015). *The Spanish Enlightenment revisited*. Oxford: Voltaire Foundation. (Oxford University Studies in the Enlightenment; 02).
- BARRERA-OSORIO, Antonio (2006). *Experiencing Nature: The Spanish American Empire and the Early Scientific Revolution*. Austin: University of Texas Press.
- BERLAN, Hélène (2013). *Faire sa médecine au XVIIIe siècle: Recrutement et devenir professionnel des étudiants montpelliérains (1707-1789)*. Montpellier: Presses Universitaires de la Méditerranée.
- BRUNEEL, Claude (2019). *La médecine dans le Journal encyclopédique*. In TILKIN, Françoise, dir. *L'encyclopédisme au XVIIIe siècle*. Liège: Presses Universitaires de Liège, pp. 37–57.

- CAMPOS, Rafael Dias da Silva (2017). *Envisioning a New World: Americans' Reactions to European Narratives in the Late Eighteenth Century*. In JCB Fellows talk at the John Carter Brown Library. Providence. [Consult. 28 set. 2023]. Disponível em <<https://prezi.com/u3buc9hv24sd/envisioning-a-new-world-americans-reactions-to-european-na/>>.
- CAMPOS, Rafael Dias da Silva (2018). *Os 15 de Montpellier: Medicina, política e relações de poder nas Luzes entre Montpellier, Coimbra e o Brasil (ca. 1770–ca. 1820)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutoramento.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge (2009). «Enlightened Reform» in the Spanish Empire: an overview. In PAQUETTE, Gabriel B., ed. *Enlightened Reform in Southern Europe and its Atlantic Colonies, c. 1750-1830*. Farnham; Burlington, VT: Ashgate, pp. 33–36.
- CARADONNA, Jeremy L. (2012). *The Enlightenment in Practice: Academic Prize Contests and Intellectual Culture in France, 1670–1794*. Ithaca: Cornell University Press.
- CAREY, Daniel; FESTA, Lynn (2009). *Introduction: some answers to the question: «What is Postcolonial Enlightenment?»*. In CAREY, Daniel; FESTA, Lynn, eds. *The Postcolonial Enlightenment: Eighteenth-Century Colonialisms and Postcolonial Theory*. Oxford: Oxford University Press, pp. 1–33.
- CONCEIÇÃO, Gisele C. (2019). *Natureza ilustrada: processos de construção e circulação de conhecimento filosófico-natural sobre o Brasil na segunda metade do século XVIII*. Porto: CITCEM. doi: 10.21747/978-989-8970-21-3/nat.
- DARNTON, Robert (2005). *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DELVA, Jean-Paul (1982). *Homme ou animal ? L'Orang-Outang dans le Journal encyclopédique de Pierre Rousseau*. «Revue belge de Philologie et d'Histoire». 60:2, 305–311. doi: 10.3406/rbph.1982.3378.
- DOMINGUES, Ângela (2006). *Notícias do Brasil colonial: a imprensa científica e política a serviço das elites (Portugal, Brasil e Inglaterra)*. «Varia História». 22:35, 150–174. doi: 10.1590/S0104-87752006000100009.
- DOMINGUES, Ângela (2013). *Na confluência da política, da diplomacia e da ciência: a fronteira na Amazônia colonial*. In *Seminário Permanente de História do Brasil*. Lisboa.
- DOMINGUES, Ângela; ALVES-MELO, Patrícia (2021). *Iluminismo no mundo luso-brasileiro: um olhar sobre a Viagem Filosófica à Amazônia, 1783-1792*. «Ler História». 78, 157–178. doi: 10.4000/lerhistoria.7879.
- FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M.; SILVA, C. P. da; PATACA, Ermelinda Moutinho (2007). *Investigating the colonies: native geological travellers in the Portuguese Empire in the late eighteenth and early nineteenth centuries*. In JACKSON, P. N. Wyse, ed. *Four centuries of geological travel: The search for knowledge on foot, bicycle, sledge and camel*. London: The Geological Society, pp. 297–310. doi: 10.1144/SP287.23.
- FURTADO, Júnia Ferreira (2012). *Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- HUBERT, François; BLOCK, Christian; CAUNA, Jacques de (2010). *Bordeaux au XVIIIe siècle: le commerce atlantique et l'esclavage [Bordeaux in the 18th century: trans-Atlantic trading and slavery]*. Bordeaux: Le Festin.

- LAFONT-COUTURIER, Hélène *et al.* (1999). *Regards sur les Antilles: collection Marcel Chatillon*. Bordeaux: Musée d'Aquitaine.
- LAFUENTE, Antonio; PIMENTEL, Juan (2012). *Momentos y lugares de la ciencia española, siglos XVI-XX*. Madrid: CSIC.
- LAUDIN, Gérard (2019). *L'Allemagne littéraire et savante dans le Journal encyclopédique*. In TILKIN, Françoise, *dir. L'encyclopédisme au XVIIIe siècle*. Liège: Presses Universitaires de Liège, pp. 143–167.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2009). *A circulação das elites no império dos Bragança (1640-1808): algumas notas*. «Tempo». 14:27, 51–67. doi: 10.1590/S1413-77042009000200005.
- MUTHU, Sankar (2003). *Enlightenment against Empire*. Princeton: Princeton University Press.
- PALMA, Monique (2021). *Cirurgiões, práticas e saberes cirúrgicos na América portuguesa no século XVIII*. Badajoz: Fundación Yuste – Academia Europea e Iberoamericana.
- PIMENTEL, Juan (2000). *The Iberian Vision: Science and Empire in the Framework of a Universal Monarchy, 1500-1800*. «Osiris». 15, 17–30. doi: 10.1086/649316.
- PIMENTEL, Juan; PARDO-TOMÁS, José (2017). *And yet, we were modern. The paradoxes of Iberian science after the Grand Narratives*. «History of Science». 55:2 (Special Issue: Iberian Science: Reflections and Studies), 133–147. doi: 10.1177/0073275316684353.
- PORTUONDO, María M. (2009). *Secret Science: Spanish Cosmography and the New World*. Chicago: University of Chicago Press.
- RAJ, Kapil (2007). *Relocating Modern Science. Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. New York: Palgrave Macmillan.
- RAJ, Kapil (2010). *Introduction: Circulation and Locality in Early Modern Science*. «The British Journal for the History of Science». 43:4, 513–517. doi: 10.1017/S0007087410001238.
- RAJ, Kapil (2013). *Beyond Postcolonialism... and Postpositivism: Circulation and the Global History of Science*. «Isis». 104:2, 337–347. doi: 10.1086/670951.
- REIS, Fernando Egídio (2002). *The Popularisation of science in Portugal in the eighteenth century: The Encyclopaedic Journal (Jornal Enciclopédico)*. In DESPY-MEYER, Andrée, *ed. Institutions and Societies for Teaching, Research and Popularisation*. [Turnhout]: Brepols Publishers, pp. 295–305. doi: 10.1484/M.DDA-EB.4.00891.
- REIS, Fernando Egídio (2006). *Felicidade, utilidade e instrução: a divulgação científica no Jornal Enciclopédico dedicado à Rainha 1779, 1788-1793, 1806*. Porto: Porto Editora.
- REIS, Fernando Egídio (2007). *Scientific Dissemination in Portuguese Encyclopaedic Periodicals, 1779–1820*. «History of Science». 45:1, 83–118. doi: 10.1177/007327530704500104.
- REZENDE, Joffre Marcondes de (2009). *Dos quatro humores às quatro bases*. In REZENDE, Joffre Marcondes de. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, pp. 49–53.
- SAFIER, Neil (2010). *Global Knowledge on the Move: Itineraries, Amerindian Narratives, and Deep Histories of Science*. «Isis» 101:1: 133–145. doi: 10.1086/652693.
- SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; CAMPOS, Rafael Dias da Silva (2014). *Apontamentos acerca da Cadeia do Ser e o lugar dos negros na filosofia natural na Europa setecentista*. «História, Ciências, Saúde – Manguinhos». 21:4, 1215–1234.

- SCHIEBINGER, Londa (2017). *Conclusion: The Circulation of Knowledge*. In SCHIEBINGER, Londa. *Secret Cures of Slaves: People, Plants, and Medicine in the Eighteenth-Century Atlantic World*. Stanford: Stanford University Press, pp. 147–165.
- SLOAN, Kim; BURNETT, Andrew (2003). *Enlightenment: discovering the world in the eighteenth century*. London: British Museum Press.
- SOMAIN, René (2018). *O Brasil na Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*. «Confins. Revue franco-brésilienne de géographie / Revista franco-brasilera de geografia». 38. doi: 10.4000/confins.17086.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay (1997). *Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia*. «*Modern Asian Studies*» 31:3, 735–762. doi: 10.1017/S0026749X00017133.